

A EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES DA UFPEL: OS IMPACTOS DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

MATHEUS RODRIGUES DOS SANTOS¹;
MARIA LETICIA MAZZUCCHI FERREIRA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – matheus.csufupel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticiamazzucchi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo o levantamento de dados que ajudem a construir uma avaliação do impacto do Ciência sem Fronteiras (CsF), a primeira grande iniciativa voltada para a mobilidade internacional envolvendo estudantes de graduação (ARCHANJO, 2015), na vida profissional dos formados pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Para tal, buscou recuperar as trajetórias individuais dos alunos que participaram deste que foi o maior e mais importante programa de mobilização internacional de estudos e estágios no exterior do Brasil. Nesse sentido, buscou-se a realização de uma coleta de dados junto às fontes primárias – via entrevistas estruturadas –, fundamental para a construção e entendimento de uma avaliação que traga à tona os aspectos positivos e negativos do CsF na perspectiva dos egressos da UFPEL, bem como para promover uma melhoria nos serviços prestados pela própria universidade e sua Coordenadoria de Relações Internacionais (CRInter).

Após a coleta dos dados junto aos egressos, foi realizada uma análise das entrevistas, que possibilitou o levantamento de dados e questionamentos acerca dos impactos do CsF na vida profissional dos egressos da UFPEL que participaram do programa durante sua graduação. Para fins de levantamento de dados, a análise das entrevistas foi organizada em 5 tópicos – idioma estrangeiro; contatos no exterior; contato cultural; mudanças culturais em razão do intercâmbio; e projetos futuros. A razão para que fosse trabalhado apenas com egressos relaciona-se com o objetivo principal da pesquisa, que é tentar aferir os impactos do programa na vida profissional dos alunos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida através do método procedimental de estudo de caso, com o intuito de compreender as dinâmicas envolvendo o programa federal e seus desdobramentos na realidade dos egressos pela UFPEL, buscando abordar de forma mais aprofundada uma realidade já dada e conhecida em linhas gerais, mas que carece de razões científicas e explicativas para que ocorra de determinada forma. As fontes utilizadas foram essencialmente de caráter primário. Com efeito, as mesmas foram coletadas através da técnica de pesquisa de entrevistas. O presente estudo também valeu-se da documentação indireta, pois a mesma “é útil não só por trazer conhecimentos que servem de background ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174); para tanto, foi realizada uma pesquisa acerca do material teórico já produzido a respeito da temática para embasar as conclusões e aplicar a empiria coletada.

Afere-se que a abordagem foi de caráter qualitativo uma vez que se buscou analisar em profundidade o fenômeno do CsF e suas consequências no contexto da UFPel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o recorte temporal dessa pesquisa – de 2011 a 2014, obteve-se os seguintes dados: 108 egressos da UFPel participaram da mobilidade CsF no período analisado; desse total, 29 participaram da presente pesquisa (26.85%); o curso de graduação em biotecnologia contou com o maior número de egressos que cederam uma entrevista à pesquisa; o resultado mais relevante da mobilidade, segundo os egressos que participaram da entrevista, foi o aprendizado e/ou aprimoramento de um idioma estrangeiro e o desenvolvimento pessoal; a maior parte dos entrevistados manifestou desejo de retornar ao país do intercâmbio (ou a um terceiro país) em um futuro não distante para fins profissionais – além daqueles que já se encontram no exterior.

O primeiro problema enfrentado pelo programa foi o baixo nível de proficiência em inglês entre os graduandos (SÁ, 2016). Nesse aspecto, todos os entrevistados afirmaram ter obtido ganhos relacionados ao idioma estrangeiro relacionado ao intercâmbio. No entanto, essa porcentagem absoluta não se repete quando analisa-se a continuidade do uso do idioma aprendido/aprimorado no pós-intercâmbio. Proporcionalmente, o inglês foi o idioma com maior taxa de aproveitamento, no período do pós-intercâmbio, pelos entrevistados.

Quando questionados a respeito de como o idioma do intercâmbio continua sendo utilizado em seu cotidiano, a maior parte dos entrevistados (18) afirmou que a continuidade do uso do idioma, após o retorno, se dá através de práticas diárias – filmes, músicas, hobbies, lazer, etc. O uso acadêmico foi o segundo mais citado nas entrevistas, com 11 entrevistados afirmando continuar a utilizar o idioma do intercâmbio na academia – através de leituras, pesquisas, aulas, etc. Por fim, 3 entrevistados afirmaram que continuam a utilizar o idioma do intercâmbio em seu ambiente profissional.

A maioria dos entrevistados afirmou ter realizado algum tipo de contato acadêmico ou profissional no exterior durante o intercâmbio (21). Apenas 8 disseram que não houve nenhum tipo de contato acadêmico ou profissional. Em relação ao tipo de contato realizado, 12 entrevistados declararam que houve uma oferta para a realização de pós-graduação no país de intercâmbio. Entretanto, dos 12 entrevistados que receberam alguma oferta de retorno para a realização de pós-graduação, 11 afirmaram que, por alguma razão, o retorno não se concretizou.

Dos 29 entrevistados, 7 atualmente vivem no exterior e 19 manifestaram interesse em realizar projetos futuros fora do Brasil (desde pós-graduações, cursos profissionalizantes, ou até mesmo estabelecendo sua vida pessoal e profissional no exterior por períodos indeterminados). O alto índice de participantes que desejam retornar ao exterior para projetos futuros (ou que já vivem no exterior) pode ser um dado alarmante para o que os especialistas caracterizam como “fuga de cérebros”¹, pois o objetivo maior do programa CsF é o de investir no capital humano dos universitários brasileiros a fim de obter um retorno em médio e longo prazo. No entanto, tal objetivo fica ameaçado a partir do momento em que grande parte dos participantes do CsF, ao retornarem ao Brasil, desejem dar continuidade a seus

¹ Movimento de profissionais qualificados oriundos de países menos desenvolvidos, para países mais atrativos, mais centrais e mais desenvolvidos. Portanto, para haver “fuga”, a direção do fluxo há de ser dos Estados menos, para os mais desenvolvidos (ARAÚJO; FERREIRA, 2013).

projetos fora daqui. A oportunidade de viver em outro país parece ser o grande atrativo do programa – e não a oportunidade de estudar componentes diversos em faculdades ao redor do mundo (GRIESCO, 2015), e, como os dados indicam, este é o cenário dos graduados pela UFPel participantes do programa. Entretanto, cabe ressaltar que a amostragem de participantes para a pesquisa em questão é limitada, impedindo maiores generalizações.

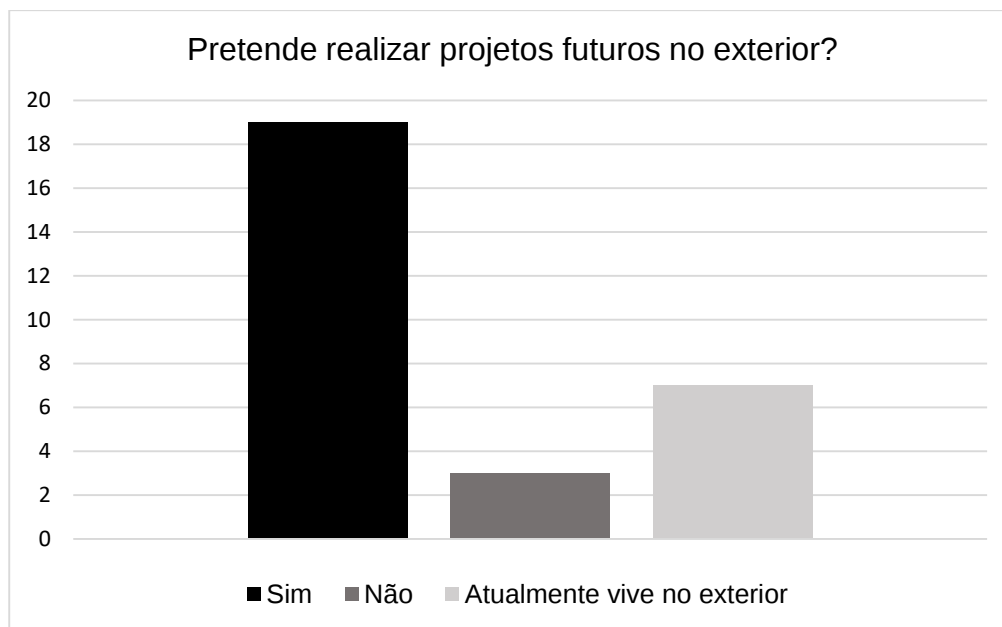


Figura 1: Reação dos egressos participantes da pesquisa quando questionados a respeito da possibilidade da realização de projetos futuros no exterior

A própria insuficiência de recursos no Brasil destinados à ciência apresentou-se como um elemento negativo na percepção dos egressos da UFPel que participaram do CsF no momento de seu retorno. Os participantes da pesquisa mencionaram repetidas vezes o nível insuficiente de desenvolvimento estrutural, pessoal e técnico de suas respectivas áreas do conhecimento na UFPel e no cenário brasileiro, de forma geral. O que resultou, em alguns casos, em uma experiência científica interrompida, além de vivências pessoais suplantando as profissionais. Esse fator constitui uma das principais causas de desejo de retorno ao exterior apresentadas pelos participantes – além de questões pessoais, como qualidade de vida e segurança. De fato, não são poucas as perplexidades, diante do desafio de quadruplicar o número de bolsistas estudando a cada ano no exterior (CASTRO et al, 2015).

Ainda, a falta de aproveitamento dos créditos e horas de atividades acadêmicas realizadas foi apontada como um dos maiores impasses no momento pós-intercâmbio. Alguns, inclusive, relataram dificuldades para conseguir aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior, junto aos colegas de origem.

4. CONCLUSÕES

Com base na amostra do presente estudo, as conclusões apontam para divergências entre as expectativas dos participantes e a do próprio governo em relação ao programa federal. E a falta de continuidade entre o intercâmbio e momento pós-intercâmbio, ou seja, o momento em que o estudante retorna ao Brasil, agrava esta realidade. Os egressos participantes da pesquisa, de forma

geral, relataram que houve uma baixa assimilação por parte dos seus cursos de origem, de seus colegiados na UFPel, e da própria comunidade científica regional, em relação a sua vivência e experiências adquiridas no exterior. Deste modo, é possível aferir que os objetivos do programa federal foram atingidos apenas parcialmente na realidade analisada.

Por fim, a pesquisa permitiu concluir que existe um baixo grau de articulação entre os entes federais e locais em relação aos estudantes que participaram do CsF. Esse fator seria crucial para o levantamento de dados que permitam a condução do programa de maneira adequada, levando em consideração as virtudes e os equívocos realizados até então. O investimento em capital humano proposto pelo CsF não poderia ter sido interrompido no momento do pós-intercâmbio, de modo que somente junto aos estudantes participantes seria possível realizar análises mais profundas que evidenciem de que forma as diretrizes e mecanismos do programa podem apresentar melhores resultados em curto e médio prazo para as suas universidades de origem, bem como para a sociedade brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E; FERREIRA, F. A “Fuga de Cérebros”: um discurso multidimensional. In: ARAÚJO, E; FONTES, M; BENTO, S (Org.). **Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2013. p. 58-82.

ARCHANJO, R. Globalismo e Multilingualismo no Brasil – Competência lingüística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 621-656. 2015.

BRASIL. **Programa Ciência sem Fronteiras: um programa especial de mobilidade internacional em ciência, tecnologia e inovação**. Documento Conjunto CAPES, jul. 2011. Acessado em 15 ago. 2016. Online. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Ciencia-sem-Fronteiras_DocumentoCompleto_julho2011.pdf>.

BRASIL. **Programa Ciência sem Fronteiras**. Painel de Controle do Programa. (s/d). Acessado em 16 ago. 2016. Online. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>.

CASTRO, C; BARROS, H; ITO-ADLER, J; SCHWARTZMAN, S. Cem Mil Bolsas no Exterior. **Interesse Nacional**, abril/junho 2012. p. 25-36. 2012.

GRIESCO, J. A. **Fostering cross-border learning and Engagement through study abroad Scholarships: Lessons from Brazil’s Science Without Borders Program**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) - Graduate Department of Leadership, Higher and Adult Education Ontario Institute for Studies in Education, University of Toronto.

MARCONI, M; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SÁ, C. The Rise and Fall of Brazil’s Science Without Borders. **International Higher Education**, n. 85, p. 17-18. 2016.